



A ESTRATÉGIA INDIRETA, A GUERRA IRREGULAR E A DEFESA DA AMAZÔNIA (*)

Carlos Alberto Pinto Silva

O artigo constitui uma advertência, no momento em que os problemas de segurança estão relegados a segundo plano. Cabe ao leitor julgar a sua pertinência.

INTRODUÇÃO

Nenhum Estado deve acreditar que seu destino — toda sua existência — fique na dependência de uma batalha, mesmo que seja a mais decisiva. Não convém sucumbir com tanta pressa. O naufrago, por instinto, agarra-se a qualquer tábua, e os povos devem tentar todos os meios para sobreviver, quando arrastados para a beira do abismo.

Por menor e mais fraco que possa

ser um Estado, em comparação com seu adversário, se ele vier a renunciar a um derradeiro esforço de defesa, podemos dizer que já não existe viv'alma nele. Por conseguinte, qualquer governo que só pense, depois da perda de uma grande batalha, em permitir rapidamente ao povo desfrutar das vantagens da paz, mostra que não merecia a vitória, e que a sua atitude o tornou totalmente incapaz de alcançá-la.

A guerra irregular é normalmente concebida como conflito armado no qual as partes não constituem grandes unidades, mas pequenos e muito pe-

(*) Selecionado pelo PADECEME

quenos grupos de ação, e cujo desfecho não é decidido em poucas e grandes batalhas. Ao contrário, a decisão é buscada e, afinal, concretizada, através de um número muito grande de pequenas operações.

Não há guerra se a violência que uma nação comete não se choca com a vontade da nação agredida (povo) de respondê-la com uma violência de mesma natureza.

“A arte da guerra é de importância vital para o Estado. É um problema de vida ou morte, um caminho para vitória ou ruína” (Sun Tzu).

A cobiça sobre as incalculáveis riquezas da Amazônia não é exclusivamente dos dias atuais.

O objetivo de integrá-la definitivamente ao contexto nacional tem sido buscado ao longo das gerações, sem ser, contudo, alcançado integralmente. Dissociada do restante do território nacional, a Amazônia tem sofrido fortes ameaças, que atentam contra a soberania nacional.

Apresentamos a seguir algumas idéias sobre a estratégia indireta e guerra irregular, tendo como referência a defesa da Amazônia.

ESTRATÉGIA A SER ADOTADA PELO BRASIL

Estratégia Indireta

A opção pela estratégia indireta ocorre em função da inexistência de uma superioridade esmagadora dos meios militares e/ou da falta de liberdade de ação e/ou da convicção de que

a solução para o conflito pode e deve ser obtida sem o emprego da violência, ou com o emprego dela, mas sem preponderância da expressão militar do poder nacional.

O método indireto usa qualquer uma das expressões do poder nacional que não a militar, para persuadir ou coagir o adversário a aceitar uma solução do conflito. A expressão militar contribui de forma complementar, já que o poder nacional é indivisível. Basicamente empregada: a persuasão (meios diplomáticos e jurídicos) e a coerção (meios políticos, econômicos ou psicossociais).

Portanto, a estratégia indireta é “a arte de saber explorar, ao máximo, a estreita margem de liberdade de ação que escapa da dissuasão pelas armas, e conseguir sucessos decisivos, apesar da limitação por vezes extrema dos meios militares que podem ser empregados”.

A estratégia indireta comporta: manobra exterior e manobra interior.

Manobra Exterior

É conduzida sobre o tabuleiro de xadrez mundial, em que o essencial da luta não se joga no terreno dos combates, mas fora dele.

Os processos de dissuasão empregados vão do mais sutil ao mais brutal. Colocar-se-á em jogo o respeito das formas legais de direito interno e internacional e procurar-se-á fazer o adversário duvidar da justiça de sua causa. Criar-se-á a oposição de uma parte de sua opinião pública e tentar-

se-á levantar favoravelmente parte da opinião pública internacional.

Manobra Interior

Deve-se considerar as forças materiais, as forças morais e a duração.

Quando forças materiais são pequenas, devemos compensá-las através de forças morais bastante grandes e uma manobra necessariamente longa, visando a atingir o objetivo, menos por uma vitória militar do que pela manutenção de um conflito prolongado, concebido e organizado para tornar-se cada vez mais pesado para o adversário, utilizando a estratégia da lassidão ou usura.

Ela “desenvolve-se através de um conflito prolongado, de caráter total, tendo, na maioria das vezes, fraca intensidade, normalmente à base de guerrilha, e busca obter a decisão pelo desgaste moral e cansaço material. Nessa forma de atuar é fundamental ‘saber durar’”.

Nessa estratégia temos que considerar:

- o plano material das forças militares: estando-se em grande inferioridade de meios, só se pode esperar sobreviver recusando o combate, e empregando uma tática de inquietação para manter a existência do conflito. Isso conduz à guerra irregular como forma de condução de uma guerra convencional, possibilitando reduzir consideravelmente o desequilíbrio das forças materiais;

- o plano moral da ação psicológica: é necessário que as forças mo-

rais dos combatentes e da população sejam desenvolvidas e mantidas a um nível elevado. Simetricamente, é necessário levar o adversário a ceder pelo cansaço.

A Guerra Irregular e a Defesa da Amazônia

“Se o próprio povo não estiver preparado para, se necessário, tomar parte na defesa do seu país, não poderá a longo prazo ser protegido” (Clausewitz).

Identifica-se a ocorrência de guerra irregular, como forma de condução de guerra convencional, particularmente onde tropas regulares não conseguem operar, ou onde forças regulares de uma nação são fracas demais para fazer frente a um adversário que se aproxima.

A guerra irregular pode, também, preparar e auxiliar a guerra convencional. Nesse caso, a guerra irregular pode funcionar tanto para desgastar um oponente antes da irrupção de hostilidades convencionais, como para negar ao adversário posições vantajosas.

Se decidirmos transformar forças do exército regular em guerrilheiros, estaremos cometendo um erro, porque, se analisarmos a guerra como um todo, não poderá haver dúvida de que as forças regulares são as únicas capazes de produzir uma decisão estratégica e, também, de oferecer ao adversário resistência em toda a profundidade do território com reação eficaz a qualquer das formas de suas operações. As ati-

vidades da guerra irregular somente ajudam a chegar a uma decisão final.

Algumas idéias relativas ao emprego do exército no combate irregular, são as que se seguem:

- “Se se quer evitar perseguir um fantasma, deve-se pois imaginar que uma guerra irregular esteja sempre combinada com guerra conduzida por um exército permanente, ambas concebidas segundo um plano conjunto único” (Clausewitz);

- O combatente irregular tem que ter um compromisso com a idéia;

- “Esse tipo de guerra, em quaisquer de suas formas, deve ser sempre realizado por voluntários e não por conscritos: obrigar-se alguém a ser guerrilheiro ou terrorista é ter quase a certeza de falhas na hora decisiva” (R. Clutterbuck, Guerrilheiros e Terroristas, Bibliex, 1979);

- Segundo Carlos Marighela, “é importante todo guerrilheiro urbano estar sempre consciente de que ele só pode viver se estiver desejoso de matar”. Observa que “uma idéia forte a ponto de provocar esse efeito numa pessoa, capaz de mudar-lhe a atitude ante morrer e matar, constitui uma vantagem moral”;

- O combatente irregular começa a luta numa situação em que o soldado regular se entrega, sem ser considerado covarde ou traidor;

- Imputa-se a Mao Tse Tung a seleção de um jovem que se apresentou desejando ser combatente irregular: “Volta à tua casa e recolhe, numa só sacola, aquilo que for de utilidade para viver no campo, em seguida mata tua mulher, teus filhos e incendeia a tua

casa. Então volta aqui e saberei que queres ser combatente irregular.”

Como exemplo, citamos a concepção da defesa abrangente da Lugoslávia.

“A resistência organizada e contínua contra o agressor é conseguida pela combinação e fusão das condições de guerra frontal e partisan.”

A definição de missões entre unidades do exército regular e das unidades irregulares, bem como o desdobramento conjunto destas e daquelas, são asseguradas por um plano de operações unificado. Deve haver cooperação a nível estratégico, campanha e batalha.

Na organização das unidades de guerra irregular, devemos observar que “o mais importante não será a densidade ou rarefação populacional, já que é mais provável que escasseiem outras coisas do que homens. Se os habitantes são abastados ou pobres também não é um aspecto muito significativo; ...mas tem-se de admitir que uma população empobrecida, afeita a privações e trabalhos rudes, em geral revela mais vigor e disposição para a guerra. Uma das peculiaridades regionais que muito favorece as ações da luta empenhadas pelo povo é a dispersão das habitações na área rural” (Clausewitz).

A organização das unidades de guerra irregular pode se dar a partir:

- da população local dos municípios do interior, garimpeiros e indígenas;

- de unidades do exército temporariamente separadas para este propósito (valor unidade);

- de unidades do exército perma-

nenhamente separadas para este propósito (destacamentos pequenos) ou

- da combinação de unidades do exército e combatentes irregulares recrutados na população.

CONCLUSÃO

Para a defesa da Amazônia não devemos perguntar quanto custa à Nação a resistência que toda a comunidade é capaz de oferecer, mas indagar qual é o efeito que essa resistência pode gerar. Quais são suas circunstâncias e de que forma pode ser utilizada?

Em face de um poder militar incontestavelmente mais forte, teremos que adotar:

- estratégia indireta, numa guerra convencional apoiada de forma suplementar por uma guerra irregular;

- a nível operacional, a estratégia da lassidão.

Algumas lembranças importantes:

- uma “administração de crises” preparada a partir de uma perspectiva de longo prazo pode, finalmente, ser empregada para demonstrar ao mundo a possibilidade de se contrapor a um ataque por forças convencionais, com os meios de guerra irregular e, desse modo, contribuir para a dissuasão de uma agressão potencial e para a manutenção da paz;

- é essencial ter um conceito adequado sobre os objetivos da força regular e do combatente irregular, para que não exageremos a função da guerra irregular, e possamos fomentá-la de acordo com a realidade, considerando

a importância do exército regular para guerra total, com sua capacidade de produzir uma decisão final e a função das atividades do combatente irregular que ajuda a produzir essa decisão favorável;

- “a teoria que ignora a “trindade notável” — povo, exército e governo — entra em conflito com a realidade a tal ponto que, só por essa razão, seria totalmente inútil” (Clausewitz);

- a História Militar, a teoria militar clássica e o conhecimento das doutrinas dos prováveis inimigos renovam o estudo dos fundamentos da arte e ciência militares;

- princípios da vitória: “Não lutaremos a não ser que estejamos certos da vitória. Nunca lutaremos sem um plano, sem uma preparação e sem termos a certeza do resultado” (Mao Tse Tung). Dessa forma, se desejarmos defender e manter a Amazônia, há necessidade de mobilizar a população e de um planejamento e preparação antecedendo o conflito.

Como conclusão final apresentamos os seguintes pensamentos:

“Os piores adversários, na guerra e em sua preparação, são a rotina e o tradicionalismo retardados” (Mal. Castelo Branco).

“Enquanto o fogo for uma ameaça à vida das pessoas, a prevenção contra incêndios será necessária, mesmo que o corpo de bombeiros fique mais tempo de prontidão que apagando incêndio” (R. Cluterbuck).

NOTA

Idéias extraídas das seguintes obras:

- *A Guerra Irregular Moderna*, Friedrich August Von Der Haudle;
- *Elementos de Estratégia*, Cel Abel Cabral Couto — Ex Português;
- *Problemas Estratégicos*, Mao-

Tse-Tung;

- *Clausewitz — Trechos de sua obra*, Rogers Ashley Lascord;
- *Operações de Guerrilha por Mao-Tse-Tung*, Tradução de Cel Samuel B. Griffith — USA;
- *ME 124-1 — Estratégia* — ECEME.



Cel Inf QEMA CARLOS ALBERTO PINTO SILVA — é da Turma de 1964 da AMAN e possui os Cursos de Material Bélico, Operações na Selva, EsAO, ECEME e CPEAEx (1990). Exerceu as funções de Instrutor do CIGS (1973/1974), EsAO (1978/1980), ECEME (1985/1987). Comandou o 2º Batalhão de Infantaria de Selva. Atualmente serve na ECEME/DCPEAEx. É membro do Centro Brasileiro de Estudos Estratégicos. Possui as seguintes condecorações: Medalha Militar de Prata, Medalha do Pacificador, Medalha do Mérito Tiradentes, Mérito Amazônico e Ordem do Mérito Militar no Grau de Oficial.